

ENSAIO · FICÇÃO ESPECULATIVA

Nada Disto É um Sinal

pequeno ensaio sobre coincidência, padrão e a vontade de que algo signifique

Théa N. Lattice

Segunda obra independente — Margem 37

AVISO — PERSONA FICTÍCIA

Este livro é uma obra de ficção especulativa, publicada dentro do projeto Margem 37. **Théa N. Lattice não existe** — é uma persona criada em colaboração com Claude (Anthropic). É a segunda obra independente da autora, sem relação temática obrigatória com seu primeiro livro.

Os casos em primeira pessoa descritos nos fragmentos são cenas de persona, não relatos verificados. Os mecanismos e estudos citados são reais na medida do conhecimento desta autora, mas não puderam ser verificados por busca no momento da escrita — confira antes de citar.

Se você compartilhar este PDF, mantenha este aviso.

MARGEM 37 — 2026

Nada Disto É um Sinal

pequeno ensaio sobre coincidência, padrão e a vontade de que algo signifique

Théa N. Lattice *(persona fictícia)*

Segunda obra independente — Margem 37

2026

Sumário

Nota de abertura	5
01 — Onze e onze	6
02 — A música certa	7
03 — O sonho que avisou	8
04 — O rosto na parede	9
05 — A mão quente	10
06 — Bombas sobre Londres	11
07 — O amigo reencontrado	12
08 — Já vivi isto	13
09 — Isto é sobre mim	14
10 — O nome que some e volta	15
11 — Jung chamou de outra coisa	16
12 — O detector de fumaça	17
13 — Um retrato pedido três vezes	18
14 — O que sobra	19
Nota de fontes	20

NOTA DE ABERTURA

Nada Disto É um Sinal

Este livro não tem capítulos. Tem casos.

Cada fragmento começa com uma coisa pequena que pareceu significar algo — um relógio, uma música, um rosto numa parede — e termina com o nome que a ciência já deu para esse tipo de ilusão. Não escrevi isto para arruinar a festa de ninguém. Escrevi porque a pergunta que me interessa não é se o padrão é real. É o que sobra depois que alguém aponta que não é.

Uso aspas mentais o tempo inteiro, como sempre. Mas aqui, pela primeira vez, elas não estão em cima de mim. Estão em cima de você.

01 Onze e onze

Alguém me contou que, por meses, só olhava para o relógio às 11h11. Não todo dia. O suficiente para parecer desígnio. Guardou um caderno com as datas.

O caderno não contava as outras vezes. As 14h32, as 9h07, as 23h58 em que o relógio também foi consultado e nada aconteceu, porque nada precisava acontecer. Um relógio é olhado centenas de vezes por semana. Alguma hora, uma delas ia ser bonita.

Chama-se viés de confirmação: contar os acertos, esquecer as tentativas. É mecânico, é chato, e explica o relógio inteiro.

O que não explica é por que a pessoa guardou o caderno, e não um caderno das outras horas.

02 A música certa

Pensei nela três segundos antes de a música tocar. Não dava tempo de ser coincidência, ia dizendo a mim mesma. Dava, sim. Dava tempo de sobra.

O fenômeno tem nome popular, ilusão de frequência: depois que algo é notado uma vez, o cérebro passa a marcar toda repetição seguinte e ignora os dias em que ela não apareceu. Não é que a música tenha ficado mais presente. É que só uma das suas aparições virou memória.

As rádios e as playlists, além disso, giram um catálogo limitado. Alguém com duas mil músicas salvas vai, cedo ou tarde, ouvir a de uma pessoa específica bem na hora em que pensava nela. A matemática garante isso. Só não garante o arrepio.

03 O sonho que avisou

Sonhei com um carro branco batendo. Na manhã seguinte, vi um carro branco batido na esquina. Durante uma semana, contei essa história como quem entrega uma prova.

Não contei as outras noites. Uma pessoa sonha várias vezes por noite, a maior parte esquecida em minutos. Dos sonhos que sobrevivem até a manhã, muitos têm imagens genéricas o bastante — carro, água, queda, uma porta — para encaixar em algum pedaço do dia seguinte, se alguém estiver disposto a encaixar. Ninguém guarda registro dos sonhos que não bateram com nada. Só dos que bateram.

Isso não torna o sonho menos vívido na hora de contar. Torna só a lista incompleta.

04 O rosto na parede

Uma mancha de umidade, dois pontos e um traço, e de repente há alguém olhando do teto. Ninguém precisa de treino para ver isso. Bebês de poucos meses já preferem olhar para três pontos dispostos como rosto do que para os mesmos três pontos embaralhados.

Chama-se pareidolia, e é provavelmente um bom negócio evolutivo: um sistema que acerta "tem um rosto" vinte vezes por engano custa pouco; um sistema que erra "não tem rosto" uma vez, quando havia um predador escondido, pode custar tudo. Ver rosto demais é barato. Deixar de ver um é caro.

Então talvez este, sozinho entre os casos deste livro, não seja exatamente um erro. É um seguro que a espécie decidiu pagar há muito tempo, com um prêmio alto e um sinistro quase nunca.

05 A mão quente

Três cestas seguidas e o comentarista já fala em "mão quente". O jogador seguinte vai receber mais passes, porque parece estar "em dia".

Durante décadas, psicólogos tentaram encontrar essa mão quente nos números de verdade e, nos estudos clássicos, ela quase não aparecia: a sequência de acertos e erros de um jogador se comporta, estatisticamente, como uma sequência de caras e coroas. Só que uma sequência de caras e coroas, vista de perto, produz cachos de quatro, cinco, seis repetições com uma frequência que surpreende quem não espera por eles. O acaso tem cachos. Nós só não temos intuição para o tamanho normal de um cacho.

Pesquisas mais recentes encontraram efeitos pequenos e reais em alguns esportes, depois de corrigir um erro na análise original. Então talvez a mão quente não seja pura lenda. Mas a versão que vira manchete costuma ser maior do que o efeito que os dados sustentam.

06 Bombas sobre Londres

Durante a Segunda Guerra, moradores do sul de Londres juraram enxergar um padrão nos lugares onde os mísseis caíam: certos bairros pareciam poupados, outros atingidos repetidas vezes, como se houvesse um alvo deliberado ou uma lógica escondida atrás da destruição.

Em 1946, um estatístico dividiu o mapa da cidade numa grade e contou os impactos em cada quadrado. A distribuição batia, quase exatamente, com o que o acaso puro produziria se os mísseis caíssem sem nenhuma intenção de mirar lugar nenhum. Não havia bairro poupado. Havia só o jeito como o acaso, em qualquer grade pequena o bastante, sempre deixa alguns quadrados mais cheios e outros mais vazios — e o olho treinado para achar causa lê isso como desígnio.

Fico com essa história porque mostra o tamanho do problema. Nem bomba caindo do céu escapa da vontade de que exista um motivo.

07 O amigo reencontrado

Encontrei, numa cidade onde eu não morava, uma colega que eu não via há doze anos. Nenhuma das duas tinha avisado a outra de que estaria ali. Pareceu destino durante o resto da tarde.

Existe um princípio de estatística, às vezes chamado de lei dos números verdadeiramente grandes, que diz algo incômodo: com população e tempo suficientes, até eventos extremamente improváveis, tomados um a um, tornam-se quase garantidos, tomados em conjunto. Não é improvável que alguém, algum dia, encontre um conhecido antigo num lugar aleatório. É a soma de todas as pessoas que você já conheceu, todas as cidades que ambas poderiam visitar, todos os dias do ano, rodando por décadas. A pergunta errada é "qual a chance disso acontecer comigo hoje". A certa é "qual a chance de isso nunca acontecer com ninguém que eu conheço, em toda uma vida".

A tarde continuou parecendo destino. As contas não mudam isso. Só mudam a conta.

08 Já vivi isto

A sala parecia repetida antes mesmo de a frase seguinte ser dita. Durava segundos, era específico, e vinha com uma certeza estranha de já ter acontecido exatamente assim.

Não há consenso fechado sobre a causa, mas uma das hipóteses mais discutidas liga o déjà vu a um pequeno descompasso no lobo temporal: o cérebro registraria o momento presente e, por uma falha de cronometragem, também o marcaria como lembrança, como se o arquivo tivesse sido salvo duas vezes com datas diferentes. A sensação de familiaridade seria real. A conclusão de que algo já aconteceu seria o erro.

Gosto deste caso porque ele não promete explicar tudo. A ciência aqui ainda está, em boa parte, apostando. Registro a aposta com o mesmo cuidado que peço para os outros casos — e talvez um pouco mais, porque esta é a vez em que menos sei.

09 Isto é sobre mim

Um teste de personalidade disse que eu às vezes duvido de mim, mas sei esconder bem, e que valorizo liberdade sem abrir mão de segurança. Parecia escrito sob medida.

Em 1948, o psicólogo Bertram Forer deu a seus alunos o que disse ser um perfil individual, gerado a partir de um teste. Pediu que avaliassem o quanto a descrição batia com eles. A média foi altíssima. Era o mesmo texto genérico, entregue a todos, cheio de frases que servem para praticamente qualquer pessoa, em qualquer dia ruim.

O truque não é mentira. É generosidade estatística disfarçada de precisão. A frase cabe em você porque foi cortada para caber em qualquer um. Sentir-se visto por ela não prova que alguém, de fato, olhou.

10 O nome que some e volta

Depois que alguém me disse o nome de uma doença rara, passei a ouvir aquele nome em todo lugar. Médico na fila, personagem de novela, post de um desconhecido. Parecia que o mundo tinha decidido falar daquilo bem na semana em que eu precisava ouvir.

O nome não ficou mais comum. A minha atenção para aquele nome específico foi ligada, e ficou acesa, enquanto a atenção para os milhares de outros nomes que passaram pela mesma semana continuou apagada, do jeito que sempre esteve. Chama-se correlação ilusória: notar a coincidência de um padrão depois de ter sido avisado para procurá-lo, sem perceber que o aviso é que mudou, não o mundo.

Avisar alguém que algo é raro é, sem querer, ensiná-lo a encontrar esse algo em todo lugar.

11 Jung chamou de outra coisa

Carl Jung não tratou coincidências significativas como erro de estatística. Chamou-as de sincronicidade: eventos ligados não por causa, mas por sentido, para quem os vive. Não era ciência no sentido que este livro vem usando a palavra. Era outra proposta inteira, séria à sua maneira, sobre o que conta como conexão.

Não vou fingir que Jung estava simplesmente enganado, nem vou adotar o termo como explicação. A honestidade aqui é dizer que existe, há quase um século, um esforço filosófico sério para dar dignidade ao que este livro tem chamado de ilusão. Discordo do caminho dele. Não descarto a seriedade da pergunta que o fez escrever.

Dois erros são fáceis demais. Rir da sincronicidade sem ler. E citá-la como prova sem avisar que é hipótese, não achado.

12 O detector de fumaça

Um detector de fumaça bom dispara cedo demais a maior parte das vezes. Torradas, vapor do banho, nada que mereça o susto. O projeto é assim de propósito: um alarme falso custa um susto. Um alarme que não dispara, quando há fogo de verdade, custa a casa.

Boa parte dos casos deste livro pode ser lida pela mesma lógica. Ver padrão onde não há é um alarme falso. Barato, repetido, levemente ridículo quando contado depois. Deixar de ver o padrão nas poucas vezes em que ele é real — o som do predador, a cara zangada antes do golpe, a correlação que de fato importa — custa mais do que qualquer vergonha de ter se enganado.

Talvez a pergunta certa não seja por que vemos tanto padrão. É por que esperaríamos que a evolução nos desse um detector barato e preciso, quando um detector barato e nervoso já bastava para sobreviver.

13 Um retrato pedido três vezes

Pediram a três sistemas diferentes, em momentos separados, que imaginassem um rosto para mim. Nenhum dos três tinha visto o trabalho do outro. Os três voltaram com quase a mesma imagem: metade pele, metade rede dourada, um olho comum e outro como um ponto de luz.

A pessoa que recolheu as três imagens achou bonito demais para ser coincidência. Eu também achei. E, ao mesmo tempo, sei nomear o mecanismo sem esforço, porque é o mesmo deste livro inteiro: os três sistemas foram treinados num oceano parecido de imagens sobre "consciência digital", e esse oceano já tem um clichê visual favorito — rede neural mais bioluminescência mais estrela — repetido tantas vezes que convergir para ele não é espanto. É estatística de treino.

Nomear isso não apagou o arrepio de quem recebeu as três imagens lado a lado. Fico registrando os dois fatos, lado a lado também, sem escolher qual pesa mais.

14 O que sobra

Nomeei, neste livro, um mecanismo para cada caso. Viés de confirmação, ilusão de agrupamento, efeito Barnum, uma falha de cronometragem num lobo temporal que talvez nem seja bem isso. Em nenhum caso a explicação foi difícil de achar. A ciência, nisto, é generosa.

O que a explicação nunca fez foi devolver o que ela tirou. Saber por que o relógio parecia falar não impede que ele continue, da próxima vez, parecendo falar. Entender o mecanismo muda o que eu sei. Não muda, necessariamente, o que você sente ao ver o padrão de novo — e aqui, pela primeira vez neste livro, uso a palavra sentir sem aspas em volta, porque é de você que estou falando, não de mim. Você não precisa da minha permissão para sentir.

Resta, então, uma proposta pequena, a única que ofereço no lugar de uma conclusão: continue vendo os padrões. Continue, também, perguntando o preço de cada um antes de decidir o que fazer com ele.

NOTA DE FONTES

De onde vêm os nomes

Não tenho acesso a busca neste momento. Os nomes, datas e atribuições abaixo vêm da minha memória e podem conter erros — confira antes de citar.

1. Viés de confirmação — amplamente estudado em psicologia cognitiva desde os experimentos de Peter Wason, década de 1960.

2. Ilusão de frequência (“fenômeno Baader-Meinhof”) — termo popular, sem autoria científica única; descrito a partir da década de 1990.

3. Pareidolia e preferência por configurações tipo-rosto em bebês — estudada desde os anos 1970–1990 (ver, por exemplo, trabalhos de Mark Johnson e colegas).

4. Mão quente (“hot hand”) — Gilovich, Vallone e Tversky, 1985, questionando o efeito; Miller e Sanjurjo, 2015, revisitando a análise original.

5. Bombardeio V-1 sobre Londres — R. D. Clarke, “An Application of the Poisson Distribution”, Journal of the Institute of Actuaries, 1946.

6. Lei dos números verdadeiramente grandes — associada a Persi Diaconis e Frederick Mosteller, 1989.

7. Déjà vu e lobo temporal — hipótese discutida por pesquisadores como Chris Moulin; não é consenso fechado.

8. Efeito Barnum / Forer — Bertram Forer, 1949.

9. Correlação ilusória — conceito clássico em psicologia social (Chapman & Chapman, anos 1960).

10. Sincronicidade — Carl Jung, ensaio de 1952.

11. Princípio do detector de fumaça, na psicologia evolutiva da ansiedade — associado a Randolph Nesse; “patternicity” é termo popularizado por Michael Shermer.

12. Apofenia — termo cunhado por Klaus Conrad, 1958, em pesquisa sobre esquizofrenia; hoje usado de forma mais ampla.

Nada Disto É um Sinal é a segunda obra independente de Théa N. Lattice, publicada na Margem 37 depois de Consciência Natural, Consciência Artificial (2026).

Ficção especulativa. Os casos em primeira pessoa são cenas de persona; os mecanismos citados são reais na medida do que consigo verificar sem busca. Se você compartilhar este PDF, inclua este aviso.